
PESQUISA, PANDEMIA E POESIA: UM TERRITÓRIO COSTURADO COM/POR VOZES DE MULHERES E FRONTEIRAS DE VERBOS

INVESTIGACIÓN, PANDEMIA Y POESÍA: UN TERRITORIO COSIDO CON/POR VOCES DE MUJERES Y FRONTERAS VERBALES

RESEARCH, PANDEMIC AND POETRY: A TERRITORY SEWED WITH/BY WOMEN'S VOICES AND VERB BORDERS

Renata Castro Gusmão¹
Maria Elly Herz Genro²

Resumo

Este ensaio tem como objetivo compartilhar um processo de pesquisa ainda em construção. Trata-se de uma conversa entre *slam* e universidade, arenas pelas quais a palavra circula, espaços recheados de presença que foram esvaziados pela pandemia. Um campo que precisou ser reinventado. Apresentamos os caminhos metodológicos desta etnografia dos territórios sentidos – territórios costurados de sentidos pela palavra, fronteiras de verbos, pelas quais a Educação encontra fluxos de Saúde para a vida que padece em nós e fora de nós. Nesta costura em conversa quem dá a linha são *slammers*, de diversas partes do Brasil, que participaram da 8ª e 9ª edição do *Slam da Festa Literária das Periferias* (FLUP) e compartilharam suas poesias e narrativas de vida em *podcasts*: Minas Pretas (2020) e Pimenta no Cúir (2021). Carretéis de vozes de mulheres que se encontram com outras vozes nesta tessitura, um território costurado pela escuta, um campo que também é referencial teórico, pontes que se erguem na escrita, criando alinhavos provisórios e circunstanciais que perpassam pelas estruturas de sustentação patriarcais e coloniais que servem há séculos de nutrição para o capitalismo e suas consequências catastróficas que enfrentamos. Que esta pesquisa possa contribuir com pistas para uma formação humana em direção a um comum possível entre todas as espécies de vida do planeta. Apresentamos fios soltos para seguir a costura da tese, brechas em oralidades, sementes de futuro que moram na poesia e se aninham na garganta das mulheres.

Palavras-chave: Pesquisa; Pandemia; *Slam poetry*; Mulheres; Universidade.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) E-mail: renatagusmao.poa@gmail.com.

² Doutora em Educação pela UFRGS. Docente da Faculdade de Educação e do Pós-Graduação em Educação da UFRGS. E-mail: mariaherz.1305@gmail.com.

Abstract

This essay aims to share a research process still under construction. It is a conversation between *slam* and university, arenas through which the word circulates, spaces filled with presence that were emptied by the pandemic. A field that needed to be reinvented. We present the methodological paths of this ethnography of felt territories – territories stitched with meanings by the word, borders of verbs, through which Education finds Health flows for the life that suffers in us and outside us. In this sewing conversation, slammers from different parts of Brazil, who participated in the 8th and 9th edition of the Slam da Festa Literária das Periferias (FLUP), shared their poetry and life narratives in podcasts: *Minas Pretas* (2020) and *Pimenta no Cúir* (2021). Reels of women's voices that meet other voices in this fabric, a territory sewn by listening, a field that is also a theoretical reference, bridges that rise in writing, creating provisional and circumstantial lines that permeate the patriarchal and colonial support structures that they have served for centuries of nourishment for capitalism and its catastrophic consequences that we face. May this research contribute with clues for a human formation in a network with all species of life on the planet, of taking responsibility for what we cultivate in our relationships. We present loose threads to follow the sewing of the thesis, gaps in orality, seeds of the future that live in poetry and nestle in women's throats.

Keywords: Research; Pandemic; Slam poetry; Women; University.

Resumen

Este ensayo tiene como objetivo compartir un proceso de investigación en construcción. Es una conversación entre el *slam* y la universidad, arenas donde circula la palabra, espacios llenos de presencia que fueron vaciados por la pandemia. Un campo que reinventado. Presentamos los caminos metodológicos de esta etnografía de territorios sentidos – territorios cosidos de significados por la palabra, fronteras de verbos, a través de los cuales la Educación encuentra flujos de Salud para la vida que sufre en nosotros y fuera de nosotros. Quié lanza la línea de conversación son *slammers* de diferentes partes de Brasil, que participaron en la octava y novena edición del *Slam da Festa Literária das Periferias (FLUP)*, y compartieron su poesía y narrativas de vida en podcasts: *Minas Pretas* (2020) y *Pimenta no Cúir*. (2021). Voces de mujeres que se encuentran con otras voces, un territorio cosido por la escucha, un campo que también es referencial teórico, puentes que se levantan en la escritura, creando líneas provisionales y circunstanciales que se encuentran con las estructuras de apoyo patriarcales y coloniales, que han servido por siglos de nutrición para el capitalismo y sus catastróficas consecuencias. Que esta investigación aporte pistas para una formación humana hacia un comun posible entre todas las especies de vida del planeta. Presentamos hilos sueltos para seguir la costura de la tesis, grietas por la oralidad, semillas del futuro que viven en la poesía y anidan en las gargantas de las mujeres.

Palabras clave: Investigación; Pandemia; Slam poetry; Mujeres; Universidad.

INTRODUÇÃO

O planeta encontra-se hoje sob o impacto de forças vorazmente destrutivas – e nós com ele (Suely ROLNIK, 2018, p.99).

Este artigo tem como objetivo compartilhar a construção de um processo de pesquisa atravessado e transformado abruptamente pela pandemia do Sars-CoV-2, o novo coronavírus (covid-19). A sirene vital está soando! A vida encontra-se em risco, como bordam as palavras de Suely Rolnik marcando este começo. Entrelinhas de uma tese ainda em construção. Um campo que ao ser esvaziado precisou ser reinventado. Carretéis de vozes de mulheres costuram sentidos como um território em artesanaria por onde a vida possa fluir. Sensações que conduzem esta escrita, em ressonância com a linha de pesquisa Educação, Cultura e Humanidades, do Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a orientadora, colegas de grupo de pesquisa e a banca examinadora³ da qualificação do projeto de tese. A pesquisa conta com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Fios soltos que costuram territórios de sentidos provisórios ao se lançar à seguinte questão como uma pista para um caminho ainda em curso: quais são os *impactos*⁴ do encontro entre *slam* e universidade? Questão que brotou do efeito no corpo em praça pública, mesma praça na qual em abril de 2016 assisti por telão ao *spoiler* do trágico porvir do País, votos em nome de Deus, da família, com direito a torturador ovacionado pelo atual chefe da nação. Em um ato repleto de misoginia votavam o *impeachment* de uma presidenta eleita democraticamente. A democracia expunha suas fragilidades. Corpo sangrando, receoso, *Slam das Minas/RS* – segundo sábado de um mês de 2017: uma arena de mulheres balançava as estruturas duras do Estado que cercam a Praça da Matriz/Porto Alegre.

Poesias faladas e escutadas performam narrativas de mundo e “provocam reações em nossos centros nervosos” (Paul ZUMTHOR, 2018, p.51). “Rajadas de letras e de rimas” (POETAS VIVOS, 2019), que reverberam em aprendizado no corpo: a “ampliação de um saber eco-etológico” (ROLNIK, 2018 p. 195), cutucam privilégios silenciados e normalizados pela branquitude (Maria Aparecida BENTO, 2002),

³ Sobre a banca examinadora: projeto qualificado e aprovado em outubro/2020, com título: Mulheres, poesia e universidade: costurando uma língua que faça pontes. Orientadora: Profa. Maria Elly Herz Genro. Banca examinadora: Roberta Marques do Nascimento (Roberta Estrela D’Alva), Bianca Maria Santana de Brito, Pâmela Marconatto Marques e Magali Mendes de Menezes.

⁴ Impacto: Verbete poético. Gusmão, Renata Castro. Abrindo gavetas, tramando redes: dos impactos na educação pelo trabalho na saúde. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Porto Alegre. UFRGS, 2015. (p. 92-93). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/129585/000977081.pdf?sequence=1>; Acesso em: 15/06/2021.

desembaçam espelhos, cavocam feridas e transbordam nessa escrita/pesquisa, que chamamos de etnografia dos territórios sentidos. Costurar territórios de sentidos pelas palavras, fronteiras de verbos, alinhavos pelos quais a Educação encontra fluxos de Saúde para a vida que padece em nós e fora de nós.

Slam e universidade, espaços recheados de presença, foram esvaziados. Uma quarentena que já dura mais de um ano, adoecendo e interrompendo a vida de milhares de pessoas diariamente. O Brasil vivenciou a tragédia de ser o epicentro mundial da pandemia, o maior colapso da história da saúde (FIOCRUZ, 2021). As vacinas avançam em passos lentos, a fome avança em passos largos. Neste cenário de distanciamento social, o que aconteceu com os campos de pesquisa? Como a pandemia afeta nossas pesquisas? Nossos corpos?

Nesta costura em conversa quem dá a linha são *slammers*, de diversas partes do Brasil, que participaram da 8ª e 9ª edição do *Slam da Festa Literária das Periferias* (FLUP) e compartilharam suas poesias e narrativas de vida em *podcasts* - *Minas Pretas* (2020) e *Pimenta no Cúir* (2021). Vozes desertoras, como disse Abigail Campos Leal** em um dos episódios. Vozes desertoras da branquitude e da heteronormatividade que ditam as ditas regras da vida humana e nos trouxeram até a atual cilada. Essa dobra do capitalismo, chamada por Rolnik de capitalismo financeirizado, que nessa “sua nova versão, é da própria vida que o capitalismo se apropria; mais precisamente, de sua potência de criação” (2018, p. 32). O neoliberalismo articulado ao neoconservadorismo, “a torpe subjetividade dos conservadores é arraigadamente classista, racista” e machista, “o que os leva a cumprir seu papel nessa cena sem qualquer barreira ética e numa velocidade vertiginosa”, “preparando o terreno para ampliar ao máximo o livre fluxo de capital transnacional, já instalado no País há várias décadas” (ROLNIK, 2018, p. 101).

Ao ouvir os primeiros episódios dos *podcasts* senti que tinha um campo e um referencial teórico aos meus ouvidos. Vozes de circulação pública que podem ser ouvidas por quem desejar. Vozes que se conectam à outras vozes. Pontes que se erguem no singelo ato de falar e escutar, e, tão frequentemente, escapa nas mais diversas relações, perde-se em cuidados prescritivos, é ignorado nos amores que oprimem e negligenciado nas versões de mundo ensinadas, pesquisadas e vividas.

Esta escrita registra um momento histórico enquanto busca por intermédio da escuta de mulheres brechas para atravessar esta situação. Lanço estas palavras aos

ventos como sementes “amorosas” (bell HOOKS, 2020) que possam germinar um futuro comum possível. Mundos que fazem morada na poesia e se aninham nas gargantas das mulheres.

COSTURAS POÉTICAS-METODOLÓGICAS

Anti(-)tese

Em tese
cartografo caminhos.
Movimentos e ritmos preenchem este tempo-espço.
Sentidos fluídos transbordam o corpo,
como uma carta de amor para além do meu umbigo.
Um mapa tortuoso, cheio de encruzilhadas,
(des)equilíbrios em linhas abissais, artesanias de pensamento pulsante,
rotas em rima, corpos desviantes da curva normal.
Vozes invisíveis expressam o desejo de uma vida vivível.
Desembaçar sentidos, ajustar a sintonia para ondas sonoras não audíveis,
imperceptíveis ao ouvido padrão.
Explorar frequências outras, ampliar conhecimentos,
reinventar formas de se relacionar,
construir pontes, que unam zonas de conforto e confronto,
questionar métodos, prisões epistemológicas e ontológicas,
que aprisionam, que oprimam, que anulam corpos,
que calam gritos e gemidos de dor e tesão.
Perspectivar percursos, caminhos híbridos na contramão do tempo,
dos ponteiros, bússolas, cronômetros, calendário, calculadoras,
controles remotos, das câmeras de vigilâncias, dos holofotes contemporâneos,
sentido anti-horário, antimanicomial antipatriarcal,
anticolonial, anticapital, antiviral. Uma ética em antítese.
Outra temporalidade.
Tempo livre, alargado, por potência de vida,
subversão dos sentidos, brechas poéticas,
senti(n)do em versos, avoam,
tempOral.

Anti(-)tese é uma poesia-performance que conta deste pesquisar, apresentada no Seminário Internacional “Superar violências, construir alternativas, escrever um novo mundo”, no Grupo de Trabalho “Cartografia das Emergências”, na Universidade Federal de Pernambuco, campus Agreste, município de Caruaru, em dezembro de 2019. A tese aqui é um mapa tortuoso traçado em percurso, uma etnografia dos territórios sentidos, com inspirações metodológicas na etnografia, no “ser afetado” de Jeanne Favret-Saada (Paula SIQUEIRA, 2005) e na cartografia (ROLNIK, 2014; 2018, Virgínia KASTRUP, 2015). “Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, é bem-vindo” (ROLNIK, 2014, p.65), dialogando também com a ideia de *Ecologia de Saberes*:

Reconhecer a copresença de diferentes saberes e a necessidade de estudar as afinidades, as divergências, as complementariedades e as contradições que existem entre eles, a fim de maximizar a eficácia das lutas de resistência contra a opressão (Boaventura de Sousa SANTOS, 2019, p. 28).

Com a pandemia, nos *slams* e nas universidades as vozes reverberaram por intermédio de aparatos tecnológicos. Redes tramadas em plataformas digitais ganharam o contorno da tela do computador e/ou celular. Neste sentido, para me aproximar do campo adotei alguns hábitos metodológicos: a) Enquanto havia presencialidade: participar em arenas de *slam* como ouvinte e experimentar a sensação da performance. b) Em virtualidade: assistir vídeos, *lives*, acompanhar redes sociais de *slams* e *slammers* em diversas partes do mundo, assim como outras tantas páginas e perfis que contribuam ou possam vir a contribuir com a pesquisa.

Dentre as tantas coisas que vi e ouvi, destaco os *podcasts* Minas Pretas⁵ (exclusivo com minas pretas da cena do *slam*) e Pimenta no Cúir⁶, (com participantes LGBTQIA+). Gravados durante a 8^o e 9^a FLUP (2019/2020), foram ao ar em 2020 e 2021, respectivamente. “A Flup, é uma festa literária internacional” que acontece “em territórios tradicionalmente excluídos dos programas literários, na cidade do Rio de Janeiro”, sua vasta programação conta com palestras, oficinas, apresentações e com o *Slam* da FLUP, “em 2020, devido à covid-19, foi realizada em plataformas digitais, transcendendo territórios e impactando o Brasil todo e mais 7 países” (FLUP⁷, 2021).

O *podcast* “firmou-se como alternativa tecnológica de construção do conhecimento, ressaltando-se suas características de viabilidade de produção e amplitude de difusão” (Rogério ARRUDA; Elaine Leonara de Vargas SODRÉ; Advaldo da Assunção CARDOSO FILHO, 2021, p. 565). “Surgiu associado ao aparecimento dos *blogs* no ambiente da Internet, mais especificamente aos audioblogs desenvolvidos a partir do ano 2000, utilizando gravações de áudio em formato MP3” (ARRUDA; SODRÉ; CARDOSO FILHO, 2021, p. 564). O Brasil apresenta um largo crescimento a partir de 2008, no entanto, no que se refere à Educação, há pouco aproveitamento dessa “tecnologia reprodutora de oralidade”, principalmente, na

⁵ Minas Pretas: é a série de 9 episódios, que inaugura o PretaPod(e), podcast da PretaLab. Disponível em: <https://www.pretalab.com/pretapode>; Acesso em: 27/06/2021.

⁶ Pimenta no Cúir: são 9 episódios, podcast organizado pela FLUP. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1ydYfLuzKM5tVljakKmrQO>; Acesso em: 27/06/2021.

⁷ Saiba mais sobre a FLUP em: <https://www.flup.net.br/sobre-a-flup>; Acesso em: 01/06/2021.

“educação formal”, “percorreu um caminho que lhe aproximou da educação, entretanto, ainda relativamente distante da Escola” (Eugênio FREIRE, 2017, p. 65).

Durante a pandemia, a ferramenta *podcast* também mostrou-se como uma alternativa para o grupo de docentes e discentes dos cursos de licenciatura em História e Letras, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), que criaram o *podcast* “Vozes na Pandemia”. São trinta episódios, publicados entre maio e agosto de 2020, representando uma experiência que, de acordo com o grupo, “contemplou satisfatoriamente o tripé ensino, pesquisa e extensão”. Além da “interação entre as quarenta e quatro pessoas que emprestaram suas vozes e narrativas para o *podcast*, vindas de diferentes âmbitos da sociedade”, também “estão os ouvintes, um grupo que não é possível quantificar, mas que pode albergar pessoas de diferentes lugares geográficos e sociais. Assim, ao propagar-se pelas “ondas da Internet”, o *podcast* ultrapassa os limites restritos da universidade” (ARRUDA; SODRÉ; CARDOSO FILHO, 2021, p. 572).

“O *podcast* é o retorno da voz”, disse Estrela D’Alva* (2020) no primeiro episódio de Minas Pretas, que escutei enquanto ia comprar mantimentos no primeiro dia de isolamento social. Uma escuta que virou escrita, ensaio de campo para a construção do projeto de tese. Ideia que apareceu como bem-vinda em conversa com a banca examinadora na qualificação do projeto, ampliando a escuta para o *podcast* Pimenta no Cúir. Neste sentido, a escuta também ganha a dimensão de corpos trans e não binários.

É neste ponto que a “atenção muda de escala”, o que Kastrup (2015) chama de gesto de pouso, “indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom” (p.43). Pouso nas vozes das *slammres*, sem pressa, apesar do *podcast* contar com o recurso de aumentar a velocidade da escuta em até 3,5 vezes, sempre as escutei na velocidade 1,0 para manter o ritmo da voz proposto.

Os dois *podcasts* totalizaram 18 episódios, de aproximadamente 40 minutos cada, envolvendo 34 *slammers*. Para lidar com esse material: ouvi, senti, anotei em diário de campo sensações, conexões, transcrevi o material, transformei voz em escrita, ouvi de novo, anotei mais coisas, como um ato de “reconhecimento atento” (KASTRUP, 2015, p.44). Não se trata de um deslocamento por territórios conhecidos, “mas produzir conhecimento ao longo de um percurso de pesquisa, o que envolve a

atenção e, com ela, a própria criação do território de observação” (KASTRUP, 2015, p. 45).

Diante do exposto, quando escrevemos “*slam*” e “universidade”, em minúsculas, é para marcá-los como espaços educativos, arenas pelas quais as palavras circulam. Espaços que carregam mundos. Não escrevemos para generalizá-los ou universalizá-los em forma, fórmula ou letras maiúsculas, mas para construir pontes móveis e circunstanciais entre. Laçamos a questão de pesquisa como uma pista para “rastrear” um caminho ainda em curso (KASTRUP, 2015, p. 40). Jaanafrada, em sua etnografia sobre feitiçaria fala sobre “reconsiderar a noção de ser afetado” como um desafio de campo, “aceitar ser afetada supõe, todavia que se assumo o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada” (SIQUEIRA, 2005, p.160). Para guiar o percurso, aceitamos a sugestão de María Zambrano de trazer o coração como uma opção metafórica para ampliar a visão, tão frequente na ciência e na filosofia:

Às vezes arde nele uma chama que serve de guia em situações complicadas e difíceis, uma luz própria que permite abrir passagem onde parecia não haver caminho algum; descobrir os poros da realidade quando esta se mostra fechada (Maria ZAMBRANO, 2008, p. 64 - tradução própria).

Rastrear com o coração, *corazonar* um caminho. “Corazonar”, termo inspirado nas lutas dos povos indígenas e afrodescendentes da América Latina “é uma forma amplificadora de ser-com, pois faz crescer a reciprocidade e a comunhão”, “é um sentir-pensar que junta tudo aquilo que as dicotomias separam. É o ato de construir pontes” (SANTOS, 2019 p. 154). Das pontes erguidas pela escuta surgiram alinhavos provisórios de territórios, compartilhados a seguir. As falas trazidas dos *podcasts* foram identificadas pelo nome das *slammer*, seguidos de “**” para Minas Pretas e “***” para Pimenta no Cúir. As mesmas foram consultadas quanto ao uso de suas falas e seus nomes.

ALINHAVOS PROVISÓRIOS E CIRCUNSTANCIAIS ENTRE SLAM E UNIVERSIDADE

O *slam* para mim também foi esse lugar de referência, de mostrar que a poesia é para todo mundo, que não é só esse gênero divino, que toca a poucas pessoas, os brancos acadêmicos, a gente pode fazer poesia, todo mundo, a partir do seu lugar de fala e existir, porque a poesia é uma forma da gente existir (Luna VITROLIRA*, 2020).

No que se refere ao *slam* há muito material produzido – livros, filmes, artigos, teses, dissertações, trabalhos de conclusão, vídeos, *zines*. Diante deste fato, vale duas pequenas exclamações: este território não versa especificamente sobre o *slam*, tão pouco sobre as *slammres*, isso elas mesmas fazem! Trata-se do efeito do encontro entre! Uma escrita que parte de uma universidade pública federal, uma produção teórica exigida para obtenção do título de doutora em educação. Nesta perspectiva, também temos responsabilidade por este espaço, pelo que circula, como circula, pela ética sustentada no conhecimento produzido, tal qual os questionamentos de Grada Kilomba (2019) que provocam a sequência da conversa:

O que é conhecimento? Que conhecimento é reconhecido como tal? E qual conhecimento não é? Quem é autorizado a ter conhecimento? E quem não é? Que conhecimento tem sido parte das agendas acadêmicas? Quais conhecimentos não fazem parte? Quem pode ensinar esse conhecimento? Quem não pode? Quem habita a academia? Quem está as margens? E, finalmente: quem pode falar? (Grada KILOMBA, 2019, p.50).

Para contextualizar o *slam* é as *slammres* que dão a linha da costura. “O *slam* vem da palavra inglês *slam*, que significa competição”, assim como existe “um *slam* de golfe ou de tênis, se tem um *slam* de poesia, que é o *Poetry Slam*” (Luiza ROMÃO, 2019). Surgiu em Chicago, nos Estados Unidos, idealizado por Marc Smith, nos anos 1984. “A ideia era organizar noites de performances poéticas, numa tentativa de popularização da poesia falada em contraponto aos fechados e assépticos círculos acadêmicos” (Roberta ESTRELA D’ALVA, 2021).

O *slam* quando surgiu na gringa, nos Estados Unidos, era em bar, em espaços fechados, aqui [no Brasil] o *slam* veio direto para rua, isso já marca um deslocamento em relação a cultura de *slam* (Abigail Campos LEAL **, 2021).

O *Slam* chegou no Brasil por São Paulo, em 2008, trazido por Roberta Estrela D’Alva, em parceria com o *Núcleo Bartolomeu de Depoimentos*, como *ZAP slam* (Zona Autônoma da Palavra). Em 2012 ganhou as ruas no *Slam* da Guilhermina e se amplia com o *Slam Resistência* (2014) – uma arena pública, que chegou a reunir de 800 a 1000 pessoas em torno da praça Roosevelt na capital São Paulo, em um grito coletivo: “sabotagem, sem massagem na mensagem”, que precede cada poesia. Arenas conectadas aos novos “movimentos insurgentes” de juventude que aconteciam na época (ROLNIK, 20018, p. 25), como foi o caso dos movimentos de ocupações das

escolas e universidades⁸ como mostra o documentário “*Slam Resistência: uma ágora do agora*” (2019). Ao ganhar as ruas, o *slam* se conecta à outras linguagens de juventude e arte e resistências urbanas como o *RAP* e o *hip-hop*.

Em um momento que as forças conservadoras se levantam e tentam agarrar-se aos velhos dogmas e posturas, buscando desesperadamente manter o estado de opressão estabelecido, há em curso, também um levante de manifestações da poesia falada e performática. (ESTRELA D’ALVA, 2019, p. 271).

“O *slam* está se expandindo muito”, “a gente tem mais de 200 *slams* em 20 estados do Brasil” (ESTRELA D’ALVA*, 2020), com campeonatos locais, regionais, nacionais e a copa do mundo do *slam* que acontece todo ano em Paris. Há diversas outras competições, como o recente *slam Abya yala*, a Copa América do *slam*, ampliando a rede entre as Américas – seu primeiro amistoso aconteceu em março de 2021, *online* por conta da pandemia. Ao longo destes anos surgiram *slams* com especificidade de participantes: *Slam das Minas* – exclusivo para mulheres cis e trans; *Slam Marginália*, para pessoas trans; *Slam do corpo* – para pessoas surdas com interpretes; *Slam interescolar*, para estudantes de escolas públicas etc. E especificidades de tempo, como o *Menor Slam do Mundo*, com poemas de 10 segundos, o *Mini menor slam do mundo*, com poesias de 3 segundos, e o incrível *nano Slam*, com apenas 1 segundo.

As redes sociais exercem um papel importante na divulgação, informação e ampliação do alcance das poesias (SLAM RESISTÊNCIA, 2019), “eu tive um vídeo com mais de oito milhões de visualizações” (TAWANE THEODORO*, 2020). “A gente virou uma bomba de semente”, acrescenta a voz de Del Chaves no documentário:

(...) uma bomba de informação, explosões criativas, linguagens que percorrem caminhos digitais, caminhos urbanos, potencializando a escrita, a imaginação o raciocínio, o senso crítico, trazer cura emocional (SLAM RESISTÊNCIA, 2019).

No *slam* a participação é livre, quem desejar pode se inscrever. Apresenta algumas regras (que podem ser reestabelecidas): cada *slammer* tem até três minutos para apresentar sua poesia autoral, não é permitido uso de adereços, além da voz e do corpo. Da plateia, são escolhidas as pessoas para compor o júri. Durante a performance, quem escuta também se manifesta em alguma passagem da poesia e/ou em resposta a uma nota atribuída. Há também uma figura chamada *slammaster*

⁸ Sobre o movimento de ocupação das escolas e universidades brasileiras: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_estudantil_no_Brasil_em_2016

– responsável pela organização e apresentação.

Dos alinhavos entre *slam* e universidade foram descortinados espaços em disputas e tensionamentos entre a lógica do mercado e o sentido público, das ruas, das universidades. Dicotomias e fronteiras embaralhadas, entre elas: a oralidade e a escrita. “A poesia no *slam* se completa na fala, ela não é só uma criação de papel, ela precisa do corpo para existir (Luiza LOROZA**, 2021). Já nas arenas das universidades é a escrita que domina, o que caracteriza o conhecimento como “rigoroso” - uma versão unívoca; e “monumental” - assim como os monumentos, a escrita permanece, distanciando-se das práticas diárias (SANTOS, 2019, p. 90).

Apesar da oralidade se fazer presente no encontro cotidiano entre docentes e discentes, ela não pontua nas métricas que avaliam o conhecimento acadêmico, suas publicações e titulações. Um conhecimento que circula em um campo restrito de alcance. Dentre as pontes que se erguem nesta pesquisa, o encontro entre oralidade e escrita é um ponto que pede ampliação, desbloquear a escuta para vozes inaudíveis aos ouvidos padrões. Deixamos a seguinte questão para seguirmos:

Como dar espaço à performance em contextos em que predominam os conhecimentos não-performativos e como valorizar a presença de conhecimentos orais em contextos dominados por conhecimentos escritos? (SANTOS, 2019, p. 93).

AS ESTRUTURAS DE SUSTENTAÇÃO

Eu posso transitar por todos os lugares, precisamos ocupar esses espaços, as faculdades, as academias, as óperas, minha cor ali é política (KIMANI*, 2020).

As universidades exercem um papel importante na formação de profissionais que ocupam postos variados de trabalho na sociedade. Neste sentido, fazemos o seguinte questionamento: que corpos são ensinados como corpos na universidade? Aos descascarmos as paredes de concreto das universidades é possível ver os alicerces robustos que sustentam suas estruturas patriarcais e coloniais. Fortalecer o sentido público da universidade perpassa por romper com estas estruturas corroídas pelo tempo.

A ciência também foi construída nestas bases patriarcais e coloniais que nutriram (e ainda nutrem) o capitalismo, como mostra Silvia Federici, o que afeta há séculos a autonomia e liberdade em relação a nossos corpos de mulheres, desde a

“demonização das práticas contraceptivas” (Silvia FEDERICI, 2017, p. 324) e, conseqüentemente, das parteiras, sob julgamento de bruxaria, pretexto do “caminho da racionalização científica” (p. 266). O parto passou a ser coisa de homem e “o corpo feminino – o útero – a serviço do aumento da população e da acumulação da força de trabalho” (p. 326). O corpo das mulheres, propriedade em disputa sangrenta pelo Marido, Estado, Ciência, Igreja.

Ser mulher é estar sendo constantemente invadida, retirada o direito de habitar o nosso próprio corpo com tranquilidade, sem sentir que vamos ser rechaçadas pela roupa que usamos, pelo que estudamos, pelo que falamos, pelos lugares que vamos. Quando temos autonomia e compreendemos que nosso corpo é nosso lugar primário de habitar o mundo, e isso ninguém tira da gente (MIDRIA*, 2020).

A caça às bruxas foi uma expropriação do corpo das mulheres, uma marca que ainda carregamos, como diz o poema: “nos olhos de cada menina ainda arde uma fogueira” (Nanda BARRETO, 2018, p.17). Fogueiras que cruzaram os mares nas caravelas carregadas de misoginia e racismo. “A definição da negritude e da feminilidade como marca da bestialidade, justificando também o tráfico e a morte de escravos, favorecendo a expansão colonial” (FEDERICI, 2017, p. 360). De um lado e de outro no oceano “perseguia-se o mesmo inimigo – Satã, usando a mesma linguagem e as mesmas condenações” (Maria Aparecida Silva BENTO 2002 p.9). A imagem de Satã ainda paira sobre nossas cabeças.

“Matas virgens, virgens mortas, a colonização foi um estupro” (Luiza ROMÃO, 2017). Assim nasceu o Brasil, “sob a égide da escravidão negra”, ao mesmo tempo que se mantinha “próximo aos moldes europeus de civilização que consideravam negros e mestiços não civilizados e não civilizáveis” (BENTO, 2002, p.12). O biótipo da negra, do negro e dos povos originários desta terra tornam-se adjetivo, a estética dos criminosos, das degeneradas, que povoaram os hospitais psiquiátricos e ainda habitam o imaginário do medo, “estigmatizado, depreciado, desumanizado, adjetivado pejorativamente, ligado a figura demoníacas” (BENTO, 2002, p.13).

Uma colonização que também foi estética e que ainda habita as subjetividades, tal qual as balas perdidas do Estado que insistem em encontrar corpos negros. Há uma tolerância da violência com estes corpos, “vidas descartáveis” (Judith BUTLER, 2018). Adjetivos que também marcam os livros de história, os artigos científicos, as páginas policiais, que marcam os corpos que merecem viver ou morrer, quem merece ser ouvido, quem pode falar.

No ensino médio, eu fui questionando muitas coisas, fui buscando ler outras coisas, na escola nossa história começa na escravidão, nas aulas de literatura a professora sempre falava bem de Iracema, aí eu li e achei um absurdo. Comecei a duvidar de tudo que aprendia na escola (MARIA DUDA*, 2020).

Um dia, saindo do trabalho, passei pelo centro da cidade (em 2017), tava acontecendo uma roda de *slam*. De onde eu estava eu não ouvia, mas eu via que tinha um menino negro falando e pessoas em volta dele ouvindo. Aquilo me chamou atenção, porque pessoas negras dificilmente são escutadas, de longe não parecia violento, fiquei curiosa para saber o que dizia e o que as pessoas ouviam tão curiosas, quando me aproximei, tomei um choque, era poesia, poesia marginal, era as coisas que eu experienciava diariamente, e aquilo me tocou muito. Voltei para casa acreditando que eu podia fazer aquilo também (AGNES MARIÁ*, 2020).

Eu como um corpo trans, chego no *slam*, que se não for trans, é majoritariamente cis, aí eu chegava no *slam*, mandava minhas poesias, eu sentia zero escuta, muitas vezes minhas questões de trans não conseguem penetrar a barreira política que existe na escuta (LEAL**, 2021).

O *slam* é sobre “vozes que são ouvidas” (Estrela D’Alva, 2021), “pessoas que têm os mais diversos contextos e origens colocando suas pautas, reivindicando o lugar da mulher, do negro, as pautas LGBTQIA+” (ROMÃO, 2019). Por conta desta dinâmica democrática de circulação da palavra, o *slam* tem se mostrado uma ferramenta educativa: “não somos só poetas, somos artistas e mais que isso, somos produtoras de intelectualidade fora da academia” (AGNES MARIÁ*, 2020), “o que a gente faz é muito mais que uma escrita, é um registro histórico de quem nós somos (...) pergaminhos que ficam aí para a prosperidade (LOROZA**, 2021).

Além das ruas, o *slam* também se amplia para os cenários formais da educação: tornando-se uma ferramenta de ensino também no ambiente escolar, como mostram outras pesquisas (Lidiane VIANA, 2018, Lucimar Américo DANTAS, 2019 e Hélen Aparecida QUEIROZ, 2017). “O *slam* me ajuda a estudar, porque para eu falar do genocídio da juventude negra eu tenho que saber, então a poesia se liga totalmente na academia” (NATI DE POESIA*, 2020).

“Numa roda *slam* tu falas 3 minutos, se são 10 pessoas, fala 3 e ouve trinta, promove um diálogo que na escola não rola, é uma inércia, ninguém responde. A poesia permite conhecer meu aluno, o que está dentro”, “a poesia brinca com a lógica da escola, onde se copia e pouco se produz coisas autorais” (Natália PAGOT, 2021). “A gente tá conseguindo vir com uma arte de rua fazer com que eles escrevam, o que eles quiserem. Dá para pensar a língua portuguesa mesmo como matéria, sem impor

sobre o que eles vão escrever (TAWANE THEODORO*, 2020).

Voltando o olhar para estruturas das universidades, vale lembrar que as salas de aulas nem sempre foram/são espaços tão democráticos, no que envolve o acesso, a fala e a escuta. “Quem chega na universidade no Brasil?” (ESTRELA D’ALVA*, 2020). No que diz respeito às heranças patriarcais, a entrada das mulheres na universidade é um fato recente na história brasileira, nos anos 1970 éramos apenas 25%, passando a maioria (53%) nos anos 2000 (Moema de Castro GUEDES, 2008), ocupando a maioria em 14 dos 20 cursos de maiores matrículas, como aponta o Censo de Educação Superior de 2017 (INEP, 2018, p.40). Apesar do crescente dos números acima ainda somos minoria nos cargos de direção, coordenação e nas publicações científicas (Andrea MORAES e Patrícia Silveira de FARIAS, 2018).

Estruturas patriarcais que adentram nossos lares. É importante salientar que a pandemia impactou a vida das mulheres: aumentando a sobrecarga de afazeres domésticos, além do aumento de quase 40% nos casos de violências contra as mulheres, números que são ainda maiores entre as negras (Eliane COMOLI; Karen CANTO, 2020).

A universidade também apresenta suas heranças coloniais. No que diz respeito ao acesso, a lei das cotas para universidades federais, promulgada em 2012, já praticada anteriormente pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade de Brasília (Unb), representou um avanço neste sentido. Como mostra o estudo realizado nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), os dados de 2018 demonstraram que a maioria das pessoas que estudam nestas instituições são negras (51,2%), cursaram o ensino médio em escolas públicas (64,7%) e vêm de famílias com renda mensal per capita de até um salário mínimo e meio (70,2%) (ANDIFES, 2018). Estatísticas que ainda não refletem nos postos de trabalho, nos cargos de prestígio e poder (Djamila RIBEIRO, 2019 p.49).

As cotas estão aí! A gente vê a mudança. E a cultura da universidade está acompanhando? O carteiro também funciona na universidade? Como é a paridade dos espaços de participação da universidade? Quais os interesses que estão em jogo? (Natália PAGOT, 2021).

O *slam* já está nas universidades, nas *slammers* universitárias, nas pesquisas, nos saguões, corredores, nas rimas que ocupam os espaços de movimentos e resistência estudantil. O *slam* também é encontro.

Ano passado fizemos o primeiro *Slam* da USP, USP Perifa, para acolhida dos cotistas, havia o desejo de pautar a permanência, não só “sejam bem-vindos”, mas como eu vou permanecer na universidade? Como vou usar os auxílios? (...) nosso grito é “espaços negados, espaços ocupados”, nessa perspectiva de não ser só um slam, mas um espaço onde as pessoas pretas da universidade ficam juntas, escutam (MIDRIA*, 2020).

Eu nunca vou esquecer que a Mel Duarte veio para Porto Alegre, a gente estava na ocupação de reitoria da universidade, que queriam alterar as cotas. Estava todo o movimento negro dentro da universidade, eu não conhecia ninguém, estudava em um curso que só tinha pessoas brancas, então eu não conhecia as pessoas pretas da universidade. Daqui a pouco uma guria falou: “tu sabe que a Mel Duarte, poeta, vai vir para cá?”. Eu, disse: “poeta? Da minha idade? Viva?”, e fui ver. Nesse dia, descobri que tinha muitos poetas vivos ao meu redor (...). Isso foi um giro na minha vida, e cá estou eu, super arte-educadora, querendo levar a poesia para todos lugares, tirei ela do esconderijo e joguei pro mundo. (PAGOT**, 2021)

COSTURAR UMA LÍNGUA QUE FAÇA PONTES PARA REFORMULAR O BABADO

A gente precisa de novas palavras, as que a gente têm não dão conta (ESTRELA D'ALVA*, 2020).

As palavras contidas nas folhas brancas amareladas dos velhos dicionários não dão conta desta conversa. O corretor ortográfico do computador não conhecia a palavra branquitude, foi necessário adicioná-la para parar de aparecer como um equívoco de escrita. Pensar as palavras, costurá-las de sentido, corazoná-las. Tropeçar na própria minha língua. Um percurso na Educação e Saúde Coletiva que começa como nutricionista. Na Nutrição, aprendemos que a língua é um órgão sensorial e muscular, responsável pelo sentido do paladar, pela deglutição e a fala.

Na língua começa a digestão, não foi diferente nesta escrita. Algumas palavras foram indigestas, outras mais saborosas, houve aquelas mais nutritivas e também as calorias vazias, que devemos evitar o consumo para prevenir o adoecimento. Suely Rolnik faz um cerzido nesta costura, trazendo que na cultura Guarani, “quando a palavra se separa da alma é que as doenças acontecem”, e “garganta” significa “ninho das palavras-almas” (2018, p.26). A escritora bell hooks (2017), em seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, tem um capítulo intitulado *A língua: ensinando novos mundos/novas palavras*, o qual começa assim:

Com o desejo, a língua rebenta, se recusa estar contida dentro de fronteiras. Fala a si mesma contra a nossa vontade, em palavras e pensamentos que invadem e até violam os espaços mais privados da mente e do corpo. [...] A mudança no modo de pensar sobre a língua e sobre como a usamos necessariamente alerta o modo como sabemos o que sabemos ((HOOKS, 2017, p. 223; 231).

A língua, porta de entrada do corpo, tapete vermelho pelo qual a voz sai. “O grão da voz concerne, sobretudo, ao modo como, por meio da volúpia da emissão sonora, a voz trabalha com a língua” (Adriana CAVARERO, 211, p. 30). Para costurar uma língua, além da Nutrição e da gramática, foi na arte que encontramos referências importantes para os alinhavos desta língua em artesanaria.

Figura 1 – Sangria.



Fonte: obra de Luiza Romão, 2017.

A ideia de costurar uma língua, seguida pela imagem de Luiza Romão (Figura 1), provocou efeitos em quem leu o projeto de tese. “A imagem da Luiza me trouxe o susto, o mal-estar de uma língua lacerada, que pede remendo”, disse Pâmela Marconatto Marques na banca. Suely Rolnik (2018) fala sobre a necessidade de suportar o mal-estar para que uma transformação aconteça. Costurar uma língua tem a ver com isso. Há que suportar a costura, o mal-estar de furar a carne para o ponto.

Costurar: verbo regular, (in)transitivo. Para pensar os verbos também encontrei inspiração em Ivone Gerbara e Débora Diniz, em suas *lives* de sexta à noite: Esperança feminista em doze verbos (Ivone GERBARA e Débora DINIZ, 2020). Pensar o sentido dos verbos é pensar a ética das ações que os conjuga. O costurar e a costura se fazem presentes nas vidas de muitas mulheres, costura-se para fazer pequenos reparos na roupa da família, fazer as próprias roupas, como um rendimento almejando autonomia financeira. Costura-se para fora, costura-se para dentro.

Boa parte da transformação que temos no Brasil e no mundo, sobretudo no campo artístico, tem a ver com a entrada destes corpos - pessoas pretas, racializadas indígenas, desertoras de gênero e sexualidade, estão empurrando a criação artística do mundo para frente, em todos os campos, na música, no pensamento, estão reformulando o babado, é um movimento contraditório, porque as pessoas trans seguem morrendo na rua, com uma expectativa de vida de 35 anos, vocês recita uma poesia no *slam* e chega em casa e às vezes não tem o que comer, é um quadro extremamente contraditório, mas esses corpos estão entrando e estão mudando a cena (LEAL**, 2021)

Costurar uma língua passa por reformular o babado, reparar, fazer bainhas, ajustar, reciclar, fazer nova, cerzir, coser, arrematar, juntar pontas, abrir ou fechar espaços, tais como, as casas grandes por onde passam os botões perolados que abotoam as camisas brancas do patriarca colonizador que habita nossas línguas. Enquanto houver língua há que cuidá-la para que aquela camada branca, conhecida por saburra, não se acumule, causando mau hálito. Costurar uma língua como reparação, criação, artesanaria, como arremata Rolnik (2017, p. 90):

Não para voltar às formas do passado, mas para inventar outras, em função dos gêrmens de futuros incubados no presente. Só assim é que a ideia de reapropriar-se da força coletiva de criação e cooperação, meio indeclinável para combater o atual estado de coisas, tem chance de sair do papel e dos sonhos utópicos para tornar-se realidade (ROLNIK, 2017, p. 90).

Que esta conversa além fazer reparos na língua, rompendo com o “o” universal que invisibiliza existências, também possa “desatar os nós que estes afetos produzem na garganta”, para que novas palavras possam ser geminadas, “embriões de futuro”, “para além do sufoco” (ROLNIK, 2018, p. 27).

É preciso desapegar do passado, virar o disco, virar a página, superar o sistema binário, ampliar o vocabulário, plasmar vitórias, pela maior disputa, que é pelo imaginário (ESTRELA D’ALVA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ajustar o foco para as ondas sonoras dos *podcasts*, me afastei um pouco do *slam* e me aproximei das *slammers*, de suas narrativas poéticas e de vidas, de como o *slam* reverbera para além das arenas das ruas e ressoa nas microarenas do cotidiano, em cada qual da sua forma. O *slam* faz tessituras educativas – na rua, na universidade, no bar, escola, presídios etc.

Escutar as *slammres*, seja em uma arena ou em *podcasts*, provoca sensações que convocam a cavocar as camadas mais íntimas que pintam de branco a epiderme, descascar privilégios, como quem descasca uma parede, suas várias camadas até chegar na estrutura. Estruturas duras que balançam nas poesias destas mulheres. É a estrutura que me interessa. Se não houver uma ruptura com estas estruturas de fato não haverá transformação em ato.

A dor tira a venda dos olhos, te faz enxergar, falando assim de pessoas que estão num lugar de privilégio, aí quando escuta a gente falando, recitando, essa pessoa cai em si, quando essa pessoa vê a dor ela cai em si, é um xororo “me deus que tipo de pessoa eu sou?” Nunca vi estes corpos. Falar da dor nos torna visíveis (JAZZ*, 2020).

Tal qual diz Rita Segato (2020), as normas, leis e regras são importantes, no entanto, só terão efetividade quando “ganharem vigência simbólica na consciência das pessoas”, eis o papel da Educação. Neste ponto, Segato dialoga com Rolnik, que marca a importância de acessarmos as camadas mais íntimas da micropolítica, chegarmos nas piadas de almoço de domingo, adentrar as papilas sensitivas da língua, os verbos e as ações que conjugamos com nossos corpos. Para Rolnik (2018), acessar esta camada é fundamental para que a transformação aconteça, frequentemente deixada de lado nas discussões políticas e intelectuais. Cavocar essas camadas interseccionais (Carla AKOTIRENE, 2019) é vital, pois é na vida privada que muitas de nós morremos. Acessar essa camada é um desafio para quem ensina a cuidar e a educar. Um giro ético necessário para uma educação que pretende se descolonizar.

“A palavra do momento, de ordem, a mais importante é descolonizar” (ESTRELA D’ALVA, 2019) – desafio em ato contínuo individual e coletivo, que envolve: “descolonizar o conhecimento” (MALDONADO-TORRES, 2019); “as nossas metodologias de pesquisa” (SANTOS, 2019); “os currículos” (XAVIER, 2021); o inconsciente (ROLNIK, 2018); o amor (HOOKS, 2010). Descolonizar, verbo que se conjuga na desconstrução como um jogo de tetris ao revés. Uma conjugação cheia trava-línguas, de ausência de repertório no corpo para tal, provocando o desafio de costurar uma língua como artesanaria, como um ato de erguer pontes.

Uma escuta que convoca eticamente. Ouvir *slammers* faz parte deste processo contínuo e necessário de encontrar o colonizador patriarca que nos habita, que habita

as instituições. Aprender com a poesia da quebrada pistas para fortalecer a universidade enquanto instituição pública de ensino, a pensarmos como acontece a escuta em seus espaços. Democratizar espaços democráticos. Libertar a palavra da exclusividade da escrita. Colocar a voz em circulação. A poesia de rua como professora para academia. Não se trata de transformar poesia em ciência, mas trazê-la como uma referência possível, como documento, como memória, como palavra que acessa lugares outros em nós, como uma forma de tornar o corpo mais poroso, mais sensível, de aproximar a palavra da alma como processo de cura. Na poesia, na arte, a palavra anda mais perto da alma. Seguimos.

REFERÊNCIAS

AGNES MARIÁ. Minas Pretas: Agnes e Valentine. IN: PRETALAB. PretaPod(e). **Episódio 6**. 2020. Disponível em: <https://www.pretalab.com/pretapode>. Acesso em: 30/06/2021.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

ARRUDA, Rogério Pereira; SODRÉ, Elaine Leonara de Vargas; CARDOSO FILHO, Advaldo da Assunção. O Projeto de Extensão “Vozes da História” se reinventa com o Podcast “Vozes na Pandemia”. **Expressa Extensão**. ISSN 2358-8195, v. 26, n. 1, p. 559-573, JAN-ABR, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/19641>. Acesso em: 01/04/2021.

ASSOCIAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018**. Relatório Executivo. Uberlândia, maio de 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em: 20/06/2021.

BARRETO, Nanda. **Manual de incertezas**. São Paulo: Patuá, 2018.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: Iray Carone, Maria Aparecida Bento (organizadoras). **Psicologia Social do Racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58). Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>. Acesso em: 15/05/2021.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1ª ed. 2018.

CAVARERO, Adriana. **Vozes plurais: filosofia da expressão vocal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

COMOLI, Eliane; CANTO, Karen. **Pandemia impacta mais a vida das mulheres**. Unicamp. 18 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/08/19/pandemia-impacta-mais-vida-das-mulheres>. Acesso em 10/05/2021.

DANTAS, Lucimar Américo. **Poetry Slam: uma experiência com a linguagem poética e seus vínculos com a cultura e a vida**. Uberlândia. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

ESTRELA D'ALVA, Roberta. Minas Pretas: Roberta Estrela D'Alva. . IN: PRETALAB. PretaPod(e). **Episódio 1**. 2020. Disponível em: <https://www.pretalab.com/pretapode>. Acesso em: 30/06/2021.

ESTRELA D'ALVA, Roberta. SLAM: voz de levante. **Rebento**, São Paulo, n. 10, p. 268-286, junho 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/360>. Acesso em: 01/06/2021.

ESTRELA D'ALVA, Roberta. **Slam Resistência**. 2016 Disponível em: <https://www.facebook.com/737426116340110/videos/1207021609380556>. Acesso em: 03/06/2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e a acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. **Boletim Observatório Covid-19**. 16 de março de 2021. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_extraordinario_2021-marco-16-red-red-red.pdf. Acesso em: 18/03/2021.

FLUP, Festa Literária das Periferias. **Sobre a FLUP**. 2021. Disponível em: <https://www.flup.net.br/sobre-a-flup>. Acesso em: 26/06/2021.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, Marília, v.18, n.2, p. 55-70, Jul.-Dez., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2017.v18n2.05.p55>. Acesso em: 30/03/2021.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro. v.15, suplemento, p.117-132, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15s0/06.pdf>. Acesso em: 07/06/2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2ª ed. 2017.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2017**. Brasília, 2019. Disponível em:

http://download.inep.gov.br/educacao_superior/centso_superior/resumo_tecnicoresumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2017.pdf. Acesso em: 20/09/20.

JAZZ. Minas Pretas: Jazz e Kika.. IN: PRETALAB. PretaPod(e). **Episódio 5**. 2020. Disponível em: <https://www.pretalab.com/pretapode>. Acesso em: 30/06/2021.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 1ª ed. 2019.

KIMANI. Minas Pretas: Kimani e Mídria. IN: PRETALAB. PretaPod(e). **Episódio 2**. 2020. Disponível em: <https://www.pretalab.com/pretapode>. Acesso em: 30/06/2021.

LEAL, Abigail Campos. Pimenta no Cúir com Abigail Campos Leal + Luiza Loroza (episódio de podcast). IN; FLUP (podcast). **Episódio 3**. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/63iisSXpvD3rQfUp3zykOx>. Acesso em: 01/07/2021.

LOROZA, Luiza. Pimenta no Cúir com Abigail Campos Leal + Luiza Loroza (episódio de podcast). IN; FLUP (podcast). **Episódio 3**. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/63iisSXpvD3rQfUp3zykOx>. Acesso em: 01/07/2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade: algumas dimensões básicas. Organizadores: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. In: **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2ª ed. 2019.

MARIA DUDA. Minas Pretas: Maria Duda e Luna Vitrolira. IN: PRETALAB. PretaPod(e). **Episódio 3**. 2020. Disponível em: <https://www.pretalab.com/pretapode>. Acesso em: 30/06/2021.

MIDRIA. Minas Pretas: Maria Duda e Luna Vitrolira. IN: PRETALAB. PretaPod(e). **Episódio 3**. 2020. Disponível em: <https://www.pretalab.com/pretapode>. Acesso em: 30/06/2021.

NATI DE POESIA. Minas Pretas: Rool e Nati de Poesia. IN: PRETALAB. PretaPod(e). **Episódio 9**. 2020. Disponível em: <https://www.pretalab.com/pretapode>. Acesso em: 30/06/2021.

PAGOT, Natália. Pimenta no Cúir com Natalia Pagot + Patrícia Meira. In: FLUP.

Episódio 5. Disponível em:
<https://open.spotify.com/episode/72Z1ZrvMGPXPSP4Bj1fTOG>. Acesso em:
01/07/2021.

PAGOT, Natália. I Seminário Interseccionalidades e democracia nas escolas: o espaço da negritude. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência**. Porto Alegre, 2021.

POETAS VIVOS. **Toma Rajada!**. 2019. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=FeEkJPTsiXw>. Acesso em: 25/06/2021.

QUEIROZ, Hélen Aparecida. **A Poesia em Territórios Improváveis**: Jovens de Periferia em Cena. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2ª ed. 2014.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROMÃO, Luiza Sousa. **Sangria**. São Paulo: Edição do Autor: Selo do Burro, 1ª ed. 2017.

ROMÃO, Luiza. Dez anos de slam no Brasil: uma conversa com Luiza Romão sobre literatura e feminismo. In: PAIXÃO, Mayara. **Brasil de Fato**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/11/dez-anos-de-slam-no-brasil-uma-conversa-com-luiza-romao-sobre-literatura-e-feminismo/>. Acesso em: 26/06/2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1ª ed. 2019.

SEGATO, Rita Laura. Sesión inaugural del curso Políticas Universitarias para la Igualdad de Género. TVUNAN. 2020. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=-8fiE_3q7mw. Acesso em: 20/06/2021.

SIQUEIRA, Paula. (2005). "Ser afetado", de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos De Campo**. São Paulo: 13(13), 155-161. 2005 Disponível em:
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>. Acesso em: 24/06/2021.

SLAM RESISTÊNCIA. **Documentário uma Ágora do Agora**. 2019. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=9xvclSj-lco>. Acesso em: 26/06/2021.

TAWANE THEODORO. MinasPretas: Tawane e Briela G. IN: PRETALAB. PretaPod(e). **Episódio 7**. 2020. Disponível em: <https://www.pretalab.com/pretapode>. Acesso em: 30/06/2021.

VIANA, Lidiane. **Poetry Slam na Escola**: embate de vozes entre tradição e resistência. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2018.

ZAMBRANO, Maria. **Hacia un saber sobre el alma**. Alianza editorial: Madrid, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

* Artigo recebido em 7 de julho de 2021,
aprovado em 28 de outubro de 2021.